

TERCEIRA CONVENÇÃO MARSHALL – GARRETT AUDIOVISUAIS

Regresso à história da Marshall

Por Hugo Simões | Fotografia: Alexandre Baptista

A Garrett promoveu a terceira Convenção Marshall no dia 7 de Maio para os seus agentes, desta feita com uma filosofia *vintage*, tendo optado por demonstrar uma combinação fatal de quatro amplificadores a válvulas – 1959 SLP Plexi, Vintage Modern 2466, JVM410H e o YJM100, assinado por Yngwie Malmsteen – que permitiram fazer uma retrospectiva aos amplificadores a válvulas da marca e à sua história, com modelos exemplificativos desde os primeiros anos até hoje. Nuno Vinhas, responsável de marketing da Garrett, apontou um *“conceito revivalista, indo ao passado e trazendo as raízes do puro som Marshall, sendo a série vintage uma das mais emblemáticas”*. Isto no ano que antecede o 50.º aniversário da Marshall... *“2012 será um ano grande, haverá muita coisa para sair”*, desvela o guitarrista Chris George, demonstrador oficial da Marshall, que liderou a apresentação na Quinta de Sant’Ana (Gradil, Mafra).



O lote de quatro amplificadores vintage de primeira linha da Marshall demonstrados na terceira Convenção da marca, na qual se fez uma retrospectiva aos amps a válvulas da marca, com modelos exemplificativos desde os primeiros anos até hoje. Admitindo que os equipamentos demonstrados não são “de entrada”, a Garrett destacou o “conceito revivalista do puro som Marshall, quando nos anos anteriores se apresentaram novas séries”

De há três anos para cá que a Garrett – como representante da Marshall que não vende directamente ao público – promove anualmente um evento de aproximação aos seus agentes de Norte a Sul do País, dando a conhecer os produtos da marca e dando indicações acerca das melhores abordagens ao mercado. Daí que, a par da demonstração levada a cabo pelo guitarrista britânico Chris George e de actividades lúdicas paralelas, sejam promovidas reuniões individualizadas com os agentes, nas quais se discute o produto, estratégias, a relação com a Garrett e acções de vendas de pacotes especiais de aquisição (packs de Convenção que só podem ser adquiridos no próprio dia) para os agentes.

Após a visita guiada às vinhas da Quinta de Sant’Ana e respectiva prova de vinhos, deu-se a esperada apresentação dos produtos Marshall por Chris George, o demonstrador oficial da marca, também presente nas anteriores convenções, mas, desta feita, com uma filosofia *vintage*. Entre *riffs* e guitarradas, Chris explicou os pontos fortes dos equipamentos, embora este ano a Marshall apenas tenha dois produtos realmente novos para mostrar – o JCM Slash 2555 Jubilee, de Slash, e o YJM100 Signature Series, de Yngwie Malmsteen – tendo este último sido o único a incorporar o lote de quatro amplificadores demonstrados nesta Convenção, na qual se fez uma retrospectiva aos amps a válvulas da marca, com modelos exemplificativos desde os primeiros anos até hoje.

Admitindo que os equipamentos demonstrados não são *“de entrada”*, Nuno Vinhas, responsável de marketing da Garrett, aponta um *“conceito revivalista do puro som Marshall, quando nos anos anteriores se apresentaram novas séries”*: *“Quisemos ir ao passado e trazer as raízes do som Marshall, sendo a série vintage uma das mais emblemáticas”*. Isto no ano que antecede o 50.º aniversário da Marshall... *“2012 será um ano grande, haverá muita coisa para sair”*, desvela Chris George, sem no entanto poder adiantar muito mais. *“É o que eu adorava dizer, mas não posso... No próximo ano haverá algo que servirá a todos os guitarristas, independentemente do estilo, tipo de música ou género”*, revela o músico, adiantando apenas que, tal como o próprio Slash já referiu, *“em 2012 haverá um combo AFD (Appetite For Destruction) de 5 watts, só com válvulas e com características novas”*.

De acordo com Nuno Vinhas, 2010 foi um ano *“bastante bom”* em termos de vendas, *“melhor do que anos anteriores”*, verificando-se muita aceitação especialmente junto de produtos das séries MG, JMV e MA. Após a demonstração de Chris, houve jantar e a entrega de troféus aos agentes em três categorias: prémio anual de vendas (maior volume de vendas em 2010); prémio de crescimento (quem vendeu mais de 2009 para 2010) e prémio dedicação, para o agente que mais investiu em acções de marketing e divulgação em 2010.



Na apresentação de Chris estiveram presentes 11 agentes (lojas) num total de 26 que a Garrett tem – alguns do Norte mas maioritariamente da Grande Lisboa. Antes, fizeram um roteiro vinícola e uma prova de vinhos na Quinta de Sant'Ana, onde se produz vinho. Aqueles que se deslocaram de mais longe tiveram a opção de dormida nas instalações da Quinta

A VISÃO DE UM BATERISTA INSPIRADO PELA... FENDER

O director comercial Raul Fernandes, da Garrett, fez as honras da apresentação de Chris George e concentrou desde logo as atenções no protótipo ainda não comercializado do amplificador de série limitada YJM100, com a assinatura de Yngwie Malmsteen, disponibilizado apenas para demonstração.

É então que Chris toma o seu lugar e, rodeado por amplificadores *vintage* prestes a rugir, dispara: "Há duas coisas maravilhosas neste mundo: o vinho português e os amps Marshall, e hoje vocês vão ter ambos". Mas antes de tocar e de se debruçar sobre os equipamentos, Chris contou um pouco da história da Marshall, aproximando-se do porquê de uma apresentação que se resumiu a amplificadores a válvulas *vintage*, desvelando também a história dos mesmos.

Chris começou por lembrar que a Marshall abriu portas em 1962, em Hanwell, Londres, pela mão do fundador Jim Marshall, actualmente com 70 anos. Jim era, na verdade, um baterista cuja loja de música começou por vender amplificadores Fender, mas a sua importação dos EUA revelou-se demasiado dispendiosa, mesmo tendo clientes como Ritchie Blackmore ou Pete Townshend. Daí que Jim tenha desenvolvido uma marca britânica, a Marshall, originalmente baseada nos modelos Fender, mas com características e componentes muito próprios que se revelaram notoriamente no som. Para isso, Jim pediu ajuda a Ken Bran, técnico de reparação de instrumentos na sua loja, e Dudley Craven, técnico da EMI. O trio foi ao encontro do som de amplificador de que mais gostavam: o do Fender Bassman 4x10". Ao sexto protótipo produzido, encontraram o "som Marshall". Para o Bassman, a Fender usava quatro altifalantes Jensen de 10" na mesma estrutura que o amplificador, mas a Marshall optou por separá-los e colocou quatro altifalantes Celestion de 12" numa caixa acústica fechada atrás.

A utilização pela Marshall de válvulas ECC83, de maior ganho, e a introdução de um filtro após o potenciômetro de volume foram alterações cruciais que levaram o "som Marshall" literalmente "mais alto", a ponto de derramar-se em *overdrive*. Este foi o amplificador que foi finalmente baptizado como JTM 45, em honra de Jim e do filho Terry Marshall (JTM), e de acordo com a sua potência (45 watts). Lembrando que a Marshall e os seus amplificadores são "o símbolo icónico dos concertos rock", Chris desfiou as histórias do Bluesbreaker e de como Eric Clapton, que costumava sentar-se na loja de Jim a praticar, teve um papel determinante na sua criação: "O Eric Clapton pediu a Jim Marshall para produzir um combo com tremolo que coubesse na mala do seu carro. Foi assim que nasceu um dos mais famosos amps Marshall, o Bluesbreaker." Só depois veio o primeiro Marshall de 100 Watts, conhecido por 1959 SLP, ainda hoje em produção...

1959 SLP, O CLÁSSICO "PLEXI" ESTÁ DE VOLTA

A busca de Pete Townshend e John Entwistle, dos The Who, por mais poder e volume levou a Marshall a desenhar o clássico amplificador a válvulas de 100 watts. Ken Bran e Dudley Craven, os técnicos criadores da Marshall, dobraram o número de válvulas de output, acrescentaram um transformador de potência maior e outro transformador de saída. Foram produzidos quatro desses amplificadores, entregues a Pete Townshend. Nasceu aí o modelo Marshall Super Lead 1959, o original Plexi. A pedido de Townshend, a Marshall produziu uma coluna de 8x12" em cima da qual foi colocado o 1959, dando origem à imagem icónica do *stack* Marshall.

Pode dizer-se que este amp, que ajudou a inventar o rock moderno, toca tão alto que faz cair objectos e espoleta alarmes de automóveis com grande facilidade. Foi o primeiro a ser demonstrado e aquele com que Chris passou menos tempo a

tocar, dando apenas um "cheirinho", na marca 2 do botão de volume. "Este amp é tão alto que não posso mesmo tocar uma canção inteira. Foi uma das primeiras cabeças de 100 watts que a Marshall fez. 50 anos depois ainda o fazemos. É o Santo Graal do timbre, mas é preciso ter o feel certo para tocá-lo, porque toca mesmo muito alto", avisa o guitarrista, bastando dois acordes com o volume muito reduzido para se sentir um rugido que veio perturbar a tarde bucólica da Quinta de Sant'Ana. "Foi isto que realmente pôs a Marshall no mapa, tocado por Hendrix, Blackmore ou Townshend...", acrescenta Chris, havendo ainda outros nomes como Jimmy Page ou Jeff Beck na lista.

Por curiosidade, recorde-se que, em 1966, Jimi Hendrix visitou a loja de Jim para testar amplificadores e guitarras. Jim Marshall esperava tratar-se de "mais um americano que queria algo a troco de nada", mas, para sua surpresa, Hendrix ofereceu-se para comprar os amplificadores a pronto e a preço de retalho se Jim providenciasse apoio técnico à sua banda. Marshall concordou e vários membros da equipa de Hendrix foram formados para reparar e manter os amps ao longo dos anos. Os amplificadores Marshall desta era identificavam-se pelo seu vidro acrílico no painel frontal, também chamado Plexiglas, tendo recebido o nome "Plexi".

A reedição do 1959 SLP de 100 watts está em produção desde então com alterações eléctricas e cosméticas ao longo do caminho, mas muitos peritos na matéria sempre identificaram alguns dos primeiros modelos como os melhores. A Marshall encontrou dois amps desse período e, após muita pesquisa e desenvolvimento, reeditou o 1959 SLP, cuja principal característica é a simplicidade da operação e o timbre natural das válvulas. O seu som é grande, redondo, quente e com um *sustain* de carácter clássico, também com um ataque percussivo característico.

Com o 1959 SLP, podem misturar-se os timbres dos dois canais disponíveis para maior flexibilidade de som, além de que está incluído um botão de *bypass* que anula *loops* de efeitos do circuito, garantindo que o timbre original não é comprometido. Os materiais e o hardware são os mais fiéis possíveis do modelo original. Este é o amp que Van Halen usou para o seu som de assinatura dos anos 80.



1959 SLP

VINTAGE MODERN 2466 FUNDE O MELHOR DE DOIS MUNDOS

Este amp saiu há cerca de cinco anos com o objectivo de misturar os conceitos originais do Plexi e dos Marshalls mais recentes. A série Vintage Modern é composta por cinco modelos: a cabeça de 100 watts 2466, demonstrada no evento; a cabeça 2266, de 50 watts; o combo 2266C, de 50 watts, com dois altifalantes de 12", e duas caixas acústicas (425A e 425B) de quatro Celestion G12C de 12" para 100 watts de potência.

A ideia da Marshall para os amplificadores Vintage Modern, projectados para uso ao vivo, passou por dar aos guitarristas um equipamento rápido para definir o som com o potenciômetro da guitarra, misturando modernidade e o toque clássico; válvulas e tecnologias modernas como *reverb* digital, master volume ou uma secção de pré-amplificação que trabalha em frequências altas e baixas, podendo ser misturadas.



Vintage Modern

"A parte mais interessante talvez seja a secção de pré-amplificação - volume e ganho, que aqui são 'corpo' (body - baixas frequências) e 'detalhe' (detail - frequências mais altas)", explica Chris. No painel frontal está ainda um interruptor para adicionar frequências médias, que de certo modo "engordam" o timbre. Tudo foi estudado para preservar, com a variação do controlo de volume da guitarra, uma expressão ressonante precisa, permitindo variar o timbre e o carácter do som directamente através dos controlos da guitarra, tornando-a o centro da modulação do som. Este sistema facilita o trabalho do guitarrista, especialmente em contexto "live".

O Vintage Modern 2466 está equipado com um *reverb* digital controlado pelo footswitch, além dos controlos normais de timbre (altas, médias, baixas e presença), e incorpora um *loop* de efeitos em série com um interruptor de -10/+4dB mais bypass. Segundo Chris, quando este amp saiu "guitarristas como Slash, Paul Gilbert ou Jeff Beck fizeram logo as suas encomendas".

Quatro válvulas KT66 produzem um timbre vintage muito "gordo" e suave, havendo ainda quatro válvulas ECC83 na pré-amplificação. De acordo com Chris, dois diferentes patamares de ganho permitem alcançar som limpo, *crunch*, *mid-boost* e *overdrive*. O músico britânico, a usar a coluna 1960 AX, demonstrou, em volume 2, os diferentes tipos de distorção que o Vintage Modern pode oferecer e, perante o manifesto poder do mesmo, teve de recordar que este é um amp de apenas 100 Watts. "Para mim, pessoalmente, o master volume de um Marshall deve estar acima dos ¾, ou seja, no 8, que é quando a magia começa a acontecer", considerou. Resumindo, este amplificador é ideal para quem toca num contexto "live" e precisa de um *setup* rápido, de qualidade, totalmente valvulado e controlável directamente pela guitarra. Com o Vintage Modern Chris George explorou essencialmente ambientes bluesy.

JVM410H, NOS ALICERCES DO ROCK... VEZES QUATRO!

A actual bandeira de proa da Marshall é o JVM410H, de quatro canais e 100 watts, que deve o nome às iniciais de Jim e Victoria Marshall, filha do primeiro. Este amplificador inspira-se num misto de JCM800 2203 e de Plexi Super Lead, resultando em timbres incontáveis do rock e do metal clássicos de há mais de quatro décadas.

A cabeça contém cinco válvulas ECC83 na pré-amplificação e quatro válvulas EL-35 de potência. O painel frontal do JVM está dividido em duas secções principais: *channels* (canais) e master. Cada um dos seus quatro canais (Clean, Crunch, OD1 e OD2) tem três modos que se distinguem por diferentes luzes de cor (verde, laranja e vermelho) e a estrutura de ganho da pré-amplificação está reconfigurada para cada um deles. Cada canal alberga botões de ganho, EQ, volume e *reverb* digital (programável para activo ou passivo) ao que se adiciona a secção master com dois master volumes, *resonance* e *presence*. Os Master Volumes 1 e 2 são destacáveis para cada um dos canais, pelo que dois diferentes níveis de volume estão sempre a um toque de distância, o que se torna útil para solos ou para ganhar algum fôlego extra caso seja necessário mais volume.

"Olhamos para o painel frontal e há tantos botões... São quatro canais independentes com a sua própria equalização e três patamares de ganho por cada canal, o que significa 12 sons de ganho diferentes. Este amp tem sempre algo para toda a gente, soa muito bem com o volume baixo e ainda melhor com o volume alto, além de ter dois co-lumes master para que se possa ter um boost nos solos em qualquer dos sons", refere Chris, que mostrou os diferentes níveis apenas para o canal limpo, de um som limpo a um *crunch* forte, passando pelo canal de *crunch*, servindo-se de AC/DC para exemplificar, e, finalmente, pelos *overdrives*.

"Provavelmente, a coisa mais fixe do JVM é que podemos gravar e chamar os sons programados", refere Chris antes de mostrar o footswitch do JVM. A tecnologia embebida memoriza a posição dos botões no painel frontal em todos os 12 modos, garantindo que quando regressamos a qualquer modo tudo estará como deixámos antes, mesmo depois de desligado o amp. Este sistema, combinado com a nova tecnologia do footswitch JVM e as potencialidades MIDI integradas, tornam o JVM ainda mais flexível e capaz.

Chris mostrou o footswitch programável que acompanha o JVM, que se liga com um cabo de guitarra - algo muito comum nos produtos mais recentes da marca. Este footswitch de seis botões, só compatível com a série JVM, permite-nos, por exemplo, ligar a pedaleira a outro amp JVM que os setups são assumidos pelo novo amp. Não só temos apenas um botão no controlador de pé para cada canal, como ao pressionarmos o mesmo pedal consecutivamente mudamos os três modos diferentes (patamares de ganho) de cada canal.

Os dois *loops* permitem escolher entre o Serial/Parallel FX Loop e o Power Amp Insert/Serial Loop. Trocado por miúdos, um *loop* pode ser programado para operações paralelas ou em série e o outro loop está ligado em série. Não esquecer o botão de controlo FX Level para escolher entre +4 dBu e -10 dBu e um controlador de mistura wet/dry e as ligações MIDI IN e MIDI Thru.

Usado por Dave Mustaine ou Joe Satriani (este na versão de dois canais), o JVM faz do silêncio ouro, uma vez que em *standby* tem uma saída XLR com emulação que permite gravar em silêncio absoluto, ideal para sessões nocturnas.



JVM410H

António UHF

António Côte-Real, guitarrista dos UHF e filho do fundador da banda, António Manuel Ribeiro, é desde sempre um utilizador da série vintage e, dadas as boas relações mantidas ao longo dos anos com a Marshall, marcou presença no evento para dedicar algumas palavras aos presentes sobre a sua experiência com a marca, mas não só... "Quando se anda na estrada com uma banda, debaixo de condições adversas - calor, chuva, pó, etc... - a Marshall dá-nos confiança e a qualidade de construção. Toco com Marshall há 15 anos e nunca tive um problema em perto de mil concertos. Nunca fiquei sem som em cima do palco. Quando agarramos numa Gibson ou numa Fender - as minhas guitarras preferidas - e a ligamos directamente ao amp, temos um som limpo excelente e uma distorção arrepiante, que vai do blues ao som mais pesado, e conseguimos isso tudo com um Marshall", afirmou.

Segundo apurámos, António tem um projecto em fase de arranque (a banda Revolta) e prevê-se que a Marshall desenvolva alguns eventos de divulgação de produtos que contarão com a presença da banda.





À noite, os agentes jantaram no local com a equipa da Garrett, que fechou o evento com a atribuição dos prémios Performance (Jorge Horta, do Centro Musical Novas Tecnologias), Dedicção (Américo Russo, da Russomúsica) e Prémio Anual de Vendas (Gisela Canelhas e Paulo Machado, da Lismúsica)

YJM100, ASSINADO POR YNGWIE MALMSTEEN

"Há aqui fãs de Yngwie Malmsteen? Gostem ou não dele, vão adorar este amp", lança Chris, sublinhando tratar-se de um protótipo "novo em folha, enviado propositadamente de Inglaterra e visto pela primeira vez no NAMM deste ano". "Tenham a mente aberta para este amp, mesmo que não sejam fãs do Yngwie", reiterou.

O YJM100 Signature Series de 100 watts, todo a válvulas, foi criado para honrar a longa relação da marca com o guitarrista sueco, que usa amplificação Marshall desde os seus dez anos. Baseado no lendário modelo 1959 Plexi, o YJM100, que está disponível em edição limitada, incorpora também toda a modernidade e tecnologia disponíveis, incluindo Booster, Noise Gate, loop de efeitos e a muito aclamada e recente tecnologia Electronic Power Attenuation (EPA).

"Este é um modelo de pré-produção que trouxemos. É o último descendente do Plexi. Internamente, a estrutura é a mesma do 1959 Plexi mas tem todos os extras incluídos. E ainda melhor, mesmo que não se seja fã do Yngwie, todas as coisas boas estão na parte de trás – power control (de 100 a 0,1 watt, podendo usar-se no quarto, à noite), power attenuation e o botão de redução para os 50 watts (reduz para metade nas válvulas de output, dando um tom um pouco mais quente e comprimido) são características únicas que fazem deste o meu amp preferido", admite Chris George.

Na frente parece-se bastante com o Plexi 1959 SLP, mantendo características como os controlos de volume para o canal 1 (high treble) e canal 2 (normal), uma secção partilhada de equalização de grave, médio e agudo mais um controlo de presença. Na esteira do seu antepassado Plexi, estes dois canais podem ser misturados (com cabo incluído). Internamente, o YJM100 tem quatro válvulas ECC83 (pré-amplificação) e quatro EL34 (potência de saída). Esta é a maior cabeça da Marshall, profunda, das mesmas dimensões de uma cabeça Marshall Major de 200 watts.

Chris revelou que este amp esteve dois anos em desenvolvimento e que a sua principal novidade – o atenuador de potência – foi antecipada pela inclusão no novo amp de Slash, o AFD100. "A atenuação de potência, colocada na parte de trás do amp, foi desenhada originalmente para o Yngwie, mas acabou por ser integrada no amp do Slash, que entretanto quis outro amp finalizado assim que possível. Por isso, usemos o sistema EPA no do Slash antes, em edição limitada", conta Chris, admitindo ser "muito céptico quanto a produtos de assinatura". Mas quando ligou ambos os protótipos ficou espantado... "O protótipo do AFD100, do Slash, tem mesmo aquele som médio dele... Depois, a primeira vez que liguei o do Yngwie pensei: 'Não interessa se somos fãs do Yngwie ou não. Este amp é o melhor de sempre'".

O painel traseiro inclui várias funções e recria o equipamento exterior de Yngwie. O Booster controla o ganho e o volume, operando como uma stompbox externa mas integrada nos circuitos do YJM100. Esta funcionalidade está acompanhada de um sofisticado Noise Gate interno numa solução tecnológica governada via controlo de threshold que reage dinamicamente ao estilo e à forma de tocar. Um reverb digital de qualidade de estúdio foi também incluído, bem como um circuito bypass e a possibilidade de efeitos adicionais via loop de efeitos, ideal para unidades de modulação e delay ou racks de processamento.

Todas estas funções – Booster, Gate, Reverb e FX Loop – estão acessíveis no painel traseiro mas também através do pedal do YJM100 (PEDL-00046), ligado ao amp por um cabo vulgar de guitarra. Este é um controlador de pé com quatro botões desenhado com a tecnologia Stompware. Por fim, o YJM100 é um dos primeiros amps a ter um botão de redução de potência para metade – 50 watts, no caso. Isto resultou de um pedido de Yngwie, que normalmente usa duas cabeças em palco: uma de 100 e outra de 50 watts, crendo que o amp de 50 watts tem um som mais fluído e quente, ao passo que o de 100 é mais duro e agressivo. Com o YJM100, Chris usou uma coluna 1960 vintage de 4x12".

www.marshallamps.com | Distribuição: www.garrett.pt



O consultor e demonstrador oficial Marshall



Além dos amplificadores, a estrela do dia foi novamente Chris George, guitarrista oficial da Marshall. Oriundo de Luton, a Norte de Londres, começou a tocar guitarra aos sete anos e, aos 16, venceu uma competição de guitarristas da Guitar Magazine. Aos 17 foi convidado pela Marshall para ser demonstrador e, hoje, coopera intimamente com a marca na fase de concepção dos amplificadores, tendo-se tornado num "consultor de produto" cujas funções passam pela apresentação de novas ideias para futuros modelos. "Na sua fase prematura de desenvolvimento há um pequeno grupo de pessoas, entre as quais me incluo, que têm de experimentar os amps e apontar as coisas boas e as más", conta Chris, cuja principal referência da guitarra é Slash – "por vezes muito aparente", admite, sorrindo.

Assim, Chris revelou-se não apenas um excelente guitarrista, mas a pessoa certa para nos falar da série vintage. A sua primeira guitarra foi uma Aria Pro II, se bem que aquela utilizada ao longo da demonstração seja uma Lag Emperor, empresa com a qual também tem um acordo de representação.

O único efeito que usa além daqueles presentes nos amplificadores é o pedal de wah, um Crybaby Slash da Jim Dunlop que tem ainda um boost que, no entanto, não usa. O seu som de wah é profundo, fazendo lembrar a era "Use Your Illusion" de Slash.